



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CÂMPUS DE NAVIRAÍ – CPNV



Samuel Moessa Alves

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO SOCIAL DO BRASIL NO SEU
PERFIL DE PAÍS EMPREENDEDOR**

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Yasmin Gomes Casagrande

Naviraí-MS
2022



ANÁLISE DA INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO SOCIAL DO BRASIL NO SEU PERFIL DE PAÍS EMPREENDEDOR

Samuel Moessa Alves

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral demonstrar a influência do colonialismo na atual forma de empreendedorismo no Brasil, através do modelo de pesquisa bibliográfica, em junção com a pesquisa qualitativa. O colonialismo brasileiro fez com que os nativos trabalhassem apenas para o país colonizador, sendo totalmente dependentes comercialmente, trabalhavam para atender as demandas de Portugal. Além disso, com o passar dos tempos, foram criadas legislações que impediam e limitavam o empreendedorismo. Essa barreira, limitou que os brasileiros criassem o espírito empreendedor, com indícios de comodismo e dependência do mercado.

Palavras-chave: influência; colonialismo; Brasil; empreendedorismo.

ABSTRACT:

The present work has the general objective of demonstrating the influence of colonialism on the current form of entrepreneurship in Brazil, through the bibliographical research model, in conjunction with qualitative research. Brazilian colonialism made the natives work only for the colonizing country, being totally commercially dependent, they worked to meet the demands of Portugal. In addition, over time, legislation was created that prevented and limited entrepreneurship. This barrier limited Brazilians from creating an entrepreneurial spirit, with signs of self-indulgence and dependence on the market.

Keywords: influence; colonialism; Brazil; entrepreneurship.

1. INTRODUÇÃO

O Brasil foi descoberto no ano 1500 (mil e quinhentos) por navegantes portugueses onde o comandante era Pedro Alvares Cabral. Desconfia-se através de alguns documentos que o Brasil já tinha sido descoberto antes, porém quem organizou a maior invasão ao território, foi Portugal, chegando ao conhecido Novo Mundo, como foi documentado na época (SOUZA, 1946).

Assim, o país foi colonizado em sua maior extensão por Portugal, que definiu diversas estratégias para exploração do novo território. Uma delas foi educar o povo nativo através dos Jesuítas, pois a educação mudaria a visão e o comportamento primitivo do povo que ali habitava. Através dos ensinamentos religiosos, comportamentais, e até na inserção de leitura e escrita as crianças e jovens, desenvolveram-se um ensino onde o país colonizador seria dominante, sendo que a colônia deveria servir a Portugal (SOUZA, 1946).

Por colonialismo Grosfoguel (2019) define como sendo um processo de estruturação importante no sistema do mundo atual, pois articula regiões periféricas ao dividir o trabalho através da hierarquia racial/étnica. Por outro lado, Kohn e Reddy (2017) definem colonialismo como um processo de povoamento juntamente com dominação política europeia, sobre um determinado território.

O presente Trabalho de Conclusão e curso utilizou como método a pesquisa bibliográfica e qualitativa, procurando deixar claro que o colonialismo no Brasil influenciou na maneira que empreende-se atualmente.

Portanto, pesquisa teve como objetivo geral demonstrar a influência do colonialismo no atual perfil de empreendedorismo no Brasil. Foram os objetivos específicos: compreender o que é empreendedorismo; e entender como ocorreu o empreendedorismo na época de colonização brasileira. O presente trabalho é de suma importância para a sociedade, pois através da pesquisa realizada foi possível verificar fatores que influenciam no empreendedorismo que existe no Brasil.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Empreendedorismo e sua função social

Uma pessoa empreendedora é aquela que consegue modificar uma situação de maneira

criativa, transformando situações trágicas em uma oportunidade de negócios, assumindo o risco da ideia fracassar (CHIAVENATO, 2017). Por sua vez, Shenkoya (2020) define empreendedorismo de maneira diferente, defendendo que um empreendedor é aquele que mesmo com um caminho inseguro e competitivo, consegue idealizar algo para garantir uma fonte de renda.

Para Santos e Oderich (2022), empreender é se propor a viver uma experiência que se transforma em um negócio empreendedor, podendo ser individual ou até mesmo em grupo. Assim, empreendedorismo é muito maior do que somente lucro individual, é algo novo, que trás riscos, mas que realiza as ambições de quem o faz de forma criativa (VIVONI, 2022).

Observa-se que os autores possuem conceitos semelhantes sobre o empreendedorismo, os mesmos associam empreender com criatividade em situações difíceis, ou seja, é necessário criar situações e oportunidades, onde ninguém mais consegue ver, independente das dificuldades que se tenha.

Para além da compreensão de empreendedorismo como uma oportunidade de negócio e enriquecimento pessoal de quem empreende, é necessário ressaltar o viés da contribuição que a atividade empreendedora agrega num contexto mais amplo: o social. A ideia de empreendedorismo social pode ser amplamente explorada, sobretudo em países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

Como apontam Parente et al. (2011), o empreendedorismo social geralmente emerge em contextos de crise e desafios sociais, econômicos e ambientais. Num país como Brasil, construído sob a mancha do colonialismo, escravidão, sexismo, lgbtfobia e racismo, o empreendedorismo social apresenta grande potencial para eliminar as desigualdades impostas a esses grupos, contribuindo assim com o Estado, que através da Constituição Federal em seu artigo 3º, incisos de I a IV, possui a missão de:

- I - construir uma sociedade livre, justa e solidária;
- II - garantir o desenvolvimento nacional;
- III - erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação (BRASIL, 1988, s/p.)

Ao longo da história, conforme mostram Parente et al. (2011), há muitos exemplos e em vários países de casos de empreendedorismo social. Os autores exemplificam a partir de casos como o da enfermeira Florence Nightingale que desenvolveu reformas profundas em hospitais

do exército inglês e que acabou por tornar-se a “mãe” da enfermagem moderna, o que trouxe imensurável contribuição para toda a humanidade; da mesma forma, outro grande exemplo de empreendedorismo social é a médica italiana Maria Montessori, que desenvolveu um método de educação revolucionário pautado na compreensão de que cada criança se desenvolve de jeito único, o que, assim como Florence, trouxe incalculável contribuição sociocultural em todo o planeta.

A partir de exemplos como esses, é possível:

Apontar como principal característica distintiva do empreendedorismo social a missão de criar e maximizar o valor social, por intermédio de atividades inovadoras, ao invés da geração de lucro inerente ao empreendedorismo (PARENTE et al., 2011, p. 272).

Ao olhar especificamente para a formação do povo brasileiro, bem como para a negação de direitos sociais aos povos marginalizados, nota-se a urgente necessidade de estímulo ao empreendedorismo social como um agente promotor de acesso aos direitos sociais negados aos povos subalternos. Para além da melhoria das políticas sociais de responsabilidade dos entes federados, com efeito, o empreendedorismo social pode ser um agente capaz de romper definitivamente a tradição colonial de segregação e promover a democratização ao acesso a serviços básicos como saneamento básico, consultas e exames médicos, educação e lazer.

Para Nogueira (2017), o Brasil possui uma grande consequência do colonialismo no empreendedorismo atual, que é a dominância de trabalho visto como informal, com a abolição da escravidão em 1888, os escravos saíram do campo e foram para cidade procurando uma forma livre de sobrevivência, a forma de comércio que era criada por eles, era vista como informal. Ou seja, apenas como uma ocupação de vida, e esse conceito de trabalho informal através de MEI (Microempreendedor Individual), sem registro na Carteira de Trabalho, até os dias atuais é vista como trabalho informal (NOGUEIRA, 2017).

Apesar de todas as consequências citadas o empreendedorismo no Brasil cresceu de forma significativa, segundo o Global Entrepreneurship Monitor (GEM) (GRECO, 2020), que hoje é a pesquisa mais importante feita no que tange ao empreendedorismo, em duas décadas de realização de pesquisa no Brasil os dados de 2019, demonstram a evolução no empreendedorismo no país. No total 38,7% da população adulta estava comprometido com alguma forma de empreendedorismo (GRECO, 2020).

Com o estímulo do SEBRAE (Sistema Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas

Empresas), as atividades empreendedoras aumentaram no país de forma significativa, em 2019, 23,3% da população adulta encontrava-se empreendendo em negócios com a longevidade de 3,5 anos, e em comparação com o ano de 2002, esse número era de apenas 13,5% (GRECO, 2020).

3. METODOLOGIA

Antes de abordar sobre o método utilizado no presente Trabalho de Conclusão de Curso, é necessário compreender o significado de pesquisa, que segundo Menezes e Silva (2001, p. 20) é “um conjunto de ações, propostas para encontrar a solução para um problema, que têm por base procedimentos racionais e sistemáticos”.

Para o desenvolvimento deste trabalho utilizou-se a pesquisa qualitativa que “[...] se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados de motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes” (MINAYO, 2014, p.22). Assim, não se utiliza cálculos ou estatísticas como na quantitativa, mas sim, interpretação, comparação e descrição.

Procurando atingir os objetivos da pesquisa, através de uma pesquisa bibliográfica que por meio de pesquisas online, estabelece uma seleção de documentos que se relacionam com o tema abordado (MACEDO, 1994), realizou-se uma pesquisa no site da Scielo Brasil, buscando as seguintes palavras-chave: “empreendedorismo no Brasil”, “colonialismo no Brasil”, “influência empreendedora”, “o que é empreendedorismo”. Tais pesquisas foram realizadas para chegar a resultados de artigos, textos ou livros que abordam sobre o mesmo tema abordado neste trabalho.

Insta frisar que a pesquisa Bibliográfica:

[...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p.32).

Foi utilizado a revisão de literatura que segundo Dorsa (2020), organiza uma linha de raciocínio que ajuda a guiar a leitura dos pesquisadores podendo levar o leitor a conclusões

sobre o tema abordado, através da pesquisa bibliográfica é possível responder a seguinte pergunta: o que foi desenvolvido por pesquisadores sobre o tema?

Sobre o empreendedorismo no Brasil, o processo de análise dos resultados ocorreu através de leituras sobre os temas e assuntos de cada artigo, sendo que o foco da pesquisa foi identificado em um artigo de Graziany Penna Dias.

Dessa forma, a revisão de literatura foi feita através de pesquisas no site da Scielo Brasil. Sobre empreendedorismo no Brasil, encontrou-se 58 (cinquenta e oito resultado), ao pesquisar colonialismo no Brasil foram encontrados 33 (trinta e três) artigos científicos e ao procurar por influência empreendedorismo no Brasil obteve-se 4 (quatro) resultados. As pesquisas de Graziany Penna Dias, nomeada como a “Formação Social Brasileira e o Empreendedorismo: Análise da Época da Colonização”, e o texto de Fatturi Karyne Carlos, com análise “Histórica do Empreendedorismo”, eram as únicas duas pesquisas científicas que correspondiam integralmente ao tema abordado. A Tabela 1 apresenta o quantitativo dos resultados encontrados.

Tabela 1 – Resultados encontrados na base de dados Scielo

Descritores	Quantidade
Sobre empreendedorismo no Brasil	58
Colonialismo no Brasil	33
Influência empreendedorismo no Brasil	4
Influência do Colonialismo no Brasil para o empreendedorismo	2
Total	97

Fonte: Dados da pesquisa.

Os temas que mais se identificaram com o tema da presente pesquisa estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Resultados utilizados após filtro do tema

Autores	ANO	Título/Tema
DIAS, Graziany Penna	2018	A Formação Social Brasileira e o Empreendedorismo: Análise da Época da Colonização.
FATTURI, Karyne Carlos	2013	Análise Histórica do Empreendedorismo: Estudo das Principais Características que Definem um Empreendedor de Sucesso

Fonte: Dados da pesquisa.

Por fim, ao abordar sobre o tema do presente trabalho é possível entender a importância sobre dados históricos do período do colonialismo do Brasil, pois tais acontecimentos de maneira indireta induzem o modo de agir da sociedade atual.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Análise do texto de Dias (2018)

A pesquisa de Dias (2018) analisa a sociedade brasileira na época da colonização e sua maior ou menor influência para o estímulo empreendedor contemporâneo.

A invasão ao território brasileiro ocorreu pela Espanha, Holanda, França e por Portugal, contudo a colonização portuguesa foi mais abrangente, esta por sua vez, não tinha intenção de povoar, mas sim, transformar as terras descobertas (invadidas) em colônias (DIAS, 2018).

Nesse sentido, Lemos (2009) e Prado Jr. (2011, p.45, apud DIAS, 2018) defendem:

[...] com este princípio de povoamento para a coroa portuguesa o Brasil interessava exclusivamente para o comércio. Com isto a formação brasileira teve como pressuposto principal o fornecimento, e nada mais que isso, de açúcar, tabaco, entre os principais gêneros, e mais tarde ouro, diamantes, algodão, café para o mercado europeu.

Dessa forma, apenas com foco voltado para fora do país, e sem qualquer intenção a não ser a exploração do território brasileiro que foi se organizando a sociedade brasileira (PRADO, 2011, apud DIAS, 2018).

Diante do cenário de extração pelos colonizadores, a figura mais próxima do empreendedor foi a do homem branco europeu que aumentou seus negócios através da mão de obra escrava de indígenas e negros (DIAS, 2018). Esse cenário de colono explorador determina a característica do ser europeu que viria ao Brasil:

Essa figura não é do tipo trabalhador, que veio para promover o simples povoamento e viver do próprio sustento. O indivíduo que comparece é o explorador, o empresário voltado ao grande negócio. Vem para dirigir: e se é para o campo que se encaminha, só uma empresa de vulto, a grande exploração rural em espécie e em que figure como senhor, o pode interessar. (PRADO JR., 2011, p. 124).

Dias (2018) faz um importante apontamento, ao demonstrar que o colono que vinha ao Brasil tinha a intenção de explorar terras adquiridas por Portugal através da escravidão, ou seja, pelo sistema de sesmarias, criando as capitanias hereditárias, tais atitudes impediram e delimitaram o empreendedorismo, pois os grandes empresários vinham adquirir colônias. Ao contrário da América do Norte que através dos ingleses foi povoada, por pessoas que buscavam uma vida melhor em um ambiente com clima parecido.

Dessa forma, a América do Norte foi povoada por trabalhadores e homens que buscavam uma vida nova/melhor, logo o empreendedorismo surge de maneira mais natural, pois os mesmos desenvolveram o mercado interno através de vários pequenos empresários (KARNAL et al., 2015, apud DIAS, 2018). No Brasil, o cenário era desfavorável ao empreendedorismo, pois o mesmo não passava de um pequeno produtor que atendia todas as demandas do capitalismo comercial (PRADO JR., 2011, apud DIAS, 2018).

A limitação para empreender era tão grande, que em 1785 foi promulgado alvará por Reinaldo de D. Maria I, alegando que adquirir fábricas e manufaturas no Brasil teria como consequência redução na mão de obra para atividades de extração de minérios e agricultura, com base nessa legislação criada, 13 teares para produção de panos constituídos por algodão foram apreendidos.

Dessa forma, observa-se que não há apenas um histórico que incentiva os brasileiros a não empreenderem, há também leis que limitavam e continham o espírito empreendedor e aventureiro. A sociedade foi criando uma visão política, social e econômica que persistiu durante o período colonial, e ainda persiste nos brasileiros, que é a dependência e obrigação de servir ao mercado. Assim, a dependência da coroa portuguesa como classe dominante, fez que os brasileiros criassem uma visão pacífica, expectadora e dominada, com pouca iniciativa (FONTES FILHO, 2003, apud DIAS, 2018).

A forma de educar os povos nativos que aqui viviam também não incentivou ao empreendedorismo, pois os índios viviam de maneira muito primitiva em relação aos europeus, logo os jesuítas vieram para América do Sul para inserir a religião, educando os que nela viviam (SAVIANI, 2013, apud DIAS, 2018).

Os indígenas foram aculturados pelos jesuítas, os mesmos ensinavam religião, a língua portuguesa, ler e escrever, dentre outros costumes europeus, como músicas instrumentais, ao mesmo tempo os jesuítas buscavam ensinar a obediência, buscando deixar a população mais pacífica a verdadeira invasão que estava ocorrendo naquele período (SAVIANI, 2013, apud DIAS, 2018).

Importante frisar, que o ensino era voltado apenas aos filhos dos nativos, pois os adultos além de apresentarem maior dificuldade de aprendizagem, também tinham mais resistência ao novo sistema, pois cresceram em outro cenário, diferente das crianças que estavam em formação cultural aderindo qualquer ensinamento (SAVIANI, 2013, apud DIAS, 2018).

Insta salientar ainda, que qualquer ensinamento era voltado a dominação de Portugal, sendo que os mesmos deveriam ser obedecidos, e qualquer comércio criado no Brasil serviria a Portugal, ou seja, o lucro era do país colonizador.

4.2 Análise do artigo de Fatturi (2013)

Segundo Fatturi (2013), um dos primeiros empreendedores foi Marco Pólo que assumiu o risco financeiro e estabeleceu rotas comerciais para o Extremo Oriente (DORNELAS, 2005, apud FATTURI, 2013).

O autor ainda define através do conceito de Chiavenato, o empreendedorismo, segundo o mesmo nada mais é que: “[...] pela origem do termo o que se sabe é que empreendedorismo é derivado da palavra francesa entrepreneur, que significa aquele capaz de assumir riscos e iniciar algo novo” (CHIAVENATO, 2007, apud, FATTURI, 2013).

Insta salientar, que o termo empreendedor foi usado para descrever tanto um participante quanto um administrador de grandes projetos de produção (PETERS; HISRICH, 2004, p.27 apud, FATTURI, 2013).

O autor menciona que o colonialismo atrapalhou muito a formação de empreendedores no Brasil, mas apesar de alguns doutrinadores discordarem disso, encontra-se poucos registros sobre empreendedorismo antes da década de 1990, fato que afirma que a influência colonial atrapalhou e ainda atrapalha a formação de novos empreendedores no país (FATTURI, 2013).

Um ponto de partida que vem aumentando o número de empreendedores no Brasil, através da capacitação por meio de estudos e cursos práticos foi a influência do SEBRAE (Sistema Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), bem como do SOFTEX (Sociedade Brasileira para Exportação de Software), que são organizações que incentivam e fornecem apoio a novos empreendedores.

Verifica-se portanto, que o colonialismo realmente agiu de forma negativa quanto a formação de uma sociedade empreendedora, contudo, o governo através da educação, vem aos poucos tentando modificar a visão social através de entidades voltadas a criação novos empreendedores.

4.3 Diferenças e Semelhanças Sobre os Artigos Científicos encontrados

Dias através do histórico do colonialismo no Brasil, estabelece uma linha de raciocínio que demonstram que o empreendedorismo brasileiro ainda é muito baixo em comparação com outros países, como por exemplo os Estados Unidos, que foi um país povoado por ingleses que buscavam uma vida melhor (DIAS, 2018).

Fatturi (2013) por sua vez, traz alguns questionamentos a respeito do empreendedorismo no Brasil, informando que alguns pesquisadores discordam sobre a influência do colonialismo, porém a autora segue uma linha de pesquisa que demonstra, que ocorre sim a influência (FATTURI, 2013).

Com base no estudo da Global Entrepreneurship Monitor (GEM), Fatturi (2013), aborda algumas vantagens e desvantagens do empreendedorismo no Brasil. O mercado brasileiro ainda é carente, a redução de empregos formais fez com que o brasileiro criasse pequenos mercados através das micro e pequenas empresas, outro ponto vantajoso é a criatividade do brasileiro, que inclusive domina o marketing mundial (FATTURI, 2013).

Contudo o empreendedorismo também possui desvantagem que através do estudo da GEM, são os poucos recursos para empreender, os impostos elevados brasileiros, poucos programas voltados ao empreendedorismo. Através dos dois textos é possível verificar que a ruptura histórica brasileira foi muita intensa devido a invasão dos portugueses. Não se sabe qual caminho seria traçado pelo desenvolvimento indígena no Brasil, pois a história e evolução deles foi interrompida.

Nesse sentido, Ribeiro (2005) argumenta que o domínio português interrompeu a linha evolutiva da população indígena, que era vista apenas como uma mão-de-obra-servil pelos portugueses. Não conseguimos sequer imaginar como seria o Brasil hoje se não houvesse a interrupção do colonialismo português, se seria um país empreendedor como os Estados Unidos, ou se não mudaria nada, isso porque a etnia e cultura indígena foi usurpada da história do Brasil, e as consequências do colonialismo estão claras ainda e permanecem nos atuais (RIBEIRO, 2005).

Segundo Ribeiro (2005), o povo brasileiro foi impedido de sê-lo, pois é um povo mestiço na carne e no espírito, não possuem conhecimento de suas origens e culturas. E o colonialismo foi tão cruel, que nenhum ser que passasse por sua rotina de vida sairia dela ser ficar marcado (RIBEIRO, 2005).

Em suma os dois artigos científicos demonstram o quanto o colonialismo marcou o

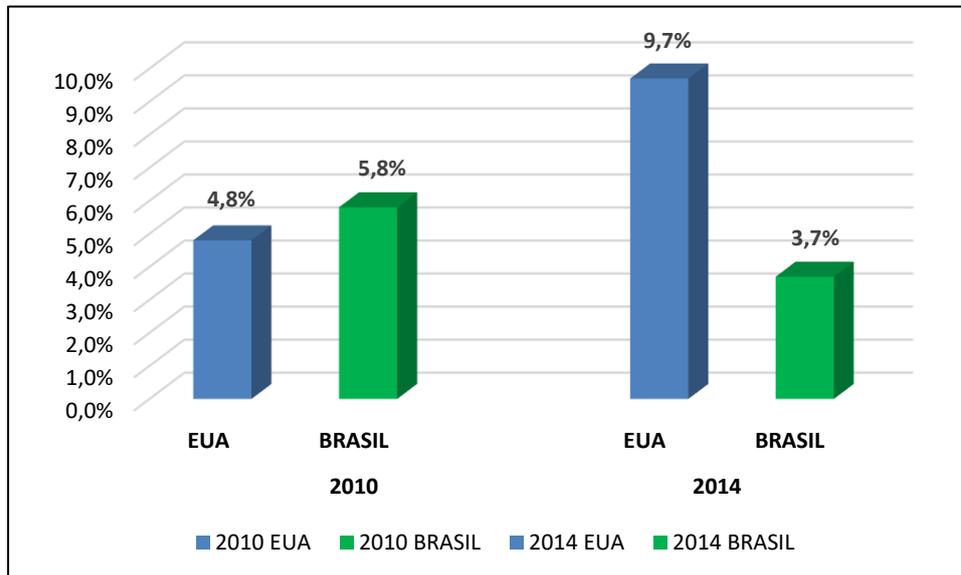
brasileiro, que até hoje influência em seu comércio, o brasileiro não é um empreendedor nato, apesar de saber improvisar, ser criativo, ainda é necessário existir uma revolução comercial, para iniciar um novo comportamento empreendedor.

Os estudos da GEM de 2014 demonstram uma comparação da atividade empreendedora do Brasil com os Estados Unidos. Observa-se que no ano de 2010 o Brasil tinha uma taxa maior, mas em 2014, o Brasil diminuiu o empreendedorismo nascente, enquanto os Estados Unidos tiveram uma alta relevante (PINTO, 2014). Os dados podem ser visualizados no Gráfico 1.

O número entre os dois países também é diferente em relação a oportunidades para empreender, como visto no Gráfico 2. Observa-se que o Brasil possui um número de empreendimento maior que os Estados Unidos, e parte dessa diferença demonstrada, deve-se ocorrer, pois o mercado brasileiro é amplo, mas, ainda se encontra em um estado crítico que acontece devido a formação histórica do país.

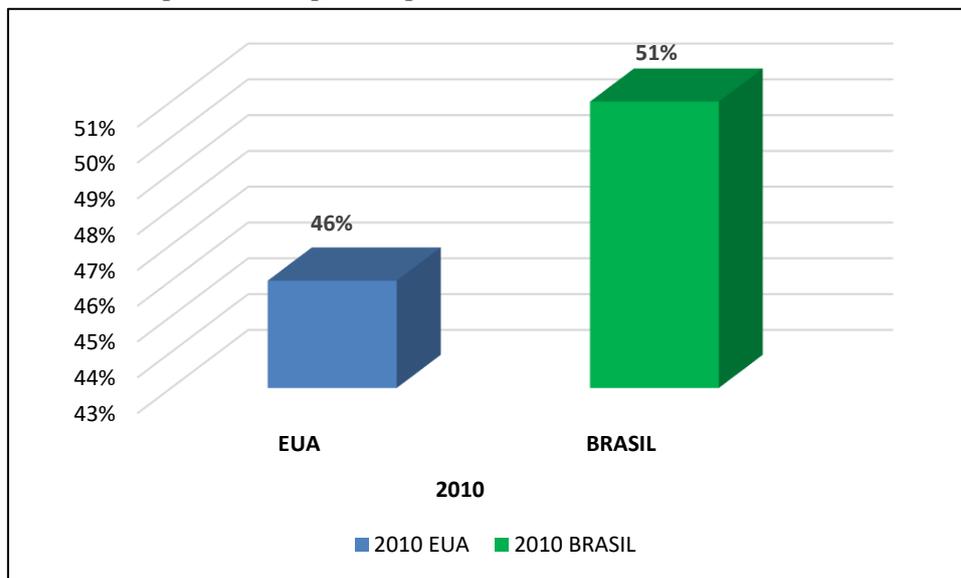
Os resultados dos índices se apresentam em porcentagem, baseados em uma pesquisa feita com uma população entre 18 e 64 anos.

Gráfico 1 – Atividade empreendedora no Brasil e nos Estados Unidos



Fonte: Elaborado com base em (PINTO, 2014, p. 9).

Gráfico 2 – Oportunidade para empreender no Brasil e nos Estados Unidos



Fonte: Elaborado com base em (PINTO, 2014, p. 9).

Além disso, a forma de colonização dos Estados Unidos e do Brasil foram diferentes em vários aspectos. Mas o principal é que os que colonizaram os Estados Unidos tinham o objetivo de assentar nas terras, buscando uma vida nova, estabelecendo uma sociedade. Essa que formavam vários pequenos negócios que giravam a economia local. Já o Brasil que foi colonizado por Portugal, não tinha o mesmo objetivo, já que vieram para explorar o território descoberto. Os meios de empreendimentos eram de europeus através das sesmarias, mas toda a economia gerada ia diretamente para a coroa portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da presente pesquisa realizada, foi possível verificar que a colonização no Brasil tem um papel importante no baixo número de empreendedores que existem atualmente no país. Como foi demonstrado, os brasileiros, índios nativos, foram aculturados e ensinados a servir Portugal e não a eles mesmos, ou seja, foram ensinados a serem dependentes.

No Brasil era produzida a matéria-prima para atender o mercado europeu, demorou um tempo para se ter uma visão que voltasse a atender o país, sendo criadas inclusive leis que limitavam empreendedorismo, como o alvará criado em 1785. Isso influenciou na formação de visão comercial dos brasileiros até depois de séculos.

Ainda no ano de 2022, no qual o Brasil já possui mais de 200 (duzentos) anos de independência, o principal produto que é exportado continua sendo matéria-prima. Dessa



maneira, ainda estamos atendendo a demanda do mercado e ainda dependemos deles em sua grande maioria para termos produtos já desenvolvidos. Neste ponto encontra-se o pensamento e cenário limitador do empreendedorismo.

Sendo o Brasil ainda dependente de outros países, deixou de ser colônia de Portugal, mas continua sendo uma “colônia moderna” do mundo. Um exemplo da dependência brasileira em relação a outros países foi a pandemia que perdurou de maneira intensa entre 2020 e 2021, extinguindo agulhas, máscaras, entre outros materiais básicos nos hospitais, pois não existia produção que atendesse o país naquele momento, e a produção do exterior estava voltada ao mercado interno deles mesmos.

Logo, verifica-se que é necessário reeducar a sociedade, voltando o olhar para o empreendedorismo, apenas com essa mudança o Brasil poderá ter uma mudança focada nos incentivos necessários para que haja mais empreendedores. Sugere-se para futuras pesquisas que sejam analisados outros aspectos como o histórico de políticas públicas que foram responsáveis pelo incentivo ou desincentivo do empreendedorismo no país.

REFERÊNCIAS

CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. São Paulo: Saraiva, 2017.

DIAS, G. P. A Formação Social Brasileira e o Empreendedorismo: Análise da Época da Colonização. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 05, p. 96-106, 2018.

DORSA, A. C. O papel da revisão da literatura na escrita de artigos científicos. **Revista Interações**, v. 21, n. 4, 2020.

FATTURI, K. C. **Análise Histórica do Empreendedorismo**: Estudo das Principais Características que Definem um Empreendedor de Sucesso. Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: <http://www.uezo.rj.gov.br/tccs/capi/Karyne%20Carlos%20Fatturi.pdf>. Acesso em: 19 dez 2022.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GRECO, M. (coord.). **Global Entrepreneurship Monitor Empreendedorismo no Brasil 2019**. Curitiba: IBQP, 2020.

GROSGOUEL, Ramon. The epistemic decolonial turn beyond political-economy paradigms. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2-3, p. 211-223, 2019.

KOHN, M.; REDDY, K. “Colonialism” in Edward Zalta. Stanford: The Stanford

Encyclopedia of Philosophy, 2017.

LEMOS, A. P. A Formação História Brasileira: perspectivas marxistas. **Revista AEDOS da UFRGS**, v. 2, n. 3, 2009.

MENEZES, E. M.; SILVA, E. L. da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. Ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. Disponível em: <http://projeto.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia%20da%20Pesquisa%203a%20edição.pdf>
Acesso em: 20 nov. 2022.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014.

NOGUEIRA, M. O. Infinitos tons de cinza: entre o formal e o informal, o Brasil se faz no semiformal. **Política em foco - IPEA**, abr., 2018.

PARENTE, C.; COSTA, D.; SANTOS, M.; CHAVES, R. Empreendedorismo social: contributos teóricos para sua definição. **XIV Encontro Nacional de Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho Emprego e coesão social: da crise de regulação à hegemonia da globalização**, Lisboa, 2011.

PRADO JR, C. **Formação do Brasil Contemporâneo: colônia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PINTO, G. O. Teoria do Empreendedorismo: uma análise comparativa dos Resultados entre Brasil e Estados Unidos no período de 2010 a 2014, **Simpósio em gestão do agronegócio**, 2014. Disponível: <http://sistema.sgagro.org/anais/3/pdf/110>.

RIBEIRO, A. Darcy Ribeiro e o enigma Brasil: um exercício de descolonização epistemológica. **Dossiê: Pensamento Social Brasileiro e Latinoamericano**, v. 26, n. 2, 2005.

SANTOS, E.; ODERICH, C. Gestão do Tempo: Estudo de Mulheres Empreendedoras. **Revista Gestão e Organizações**, v. 6, n. 4, p. 40-65, 2022.

SHENKOYA, T. A study of startup accelerators in Silicon Valley and some implications for nigeria. **African Journal of Science, Technology, Innovation and Development**, v. 13, n. 3, p. 1–12, 2020.

SOUZA, T. O. M. de. **O descobrimento do Brasil, estudo crítico**. De acordo com a documentação histórico-cartográfica e a náutica. São Paulo: Editora Nacional, 1946.

VIVONI, S. **Pedagogia empreendedora: um olhar inovador à educação básica**. 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/olhar-inovador>. Acesso em: 29 nov. 2022.

PETERS, M. P.; HISRICH, R. D. **Empreendedorismo**. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004, p. 592. apud FATTURI, K. C. Análise histórica do empreendedorismo: estudo das principais características que definem um empreendedor de sucesso. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Engenharia de Produção). Centro Universitário Estadual da Zona Oeste.



Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://www.uezo.rj.gov.br/tccs/capi/Karyne%20Carlos%20Fatturi.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2022.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: Transformando Ideias em Negócios. 4 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, p. 293 apud FATTURI, K. C. Análise histórica do empreendedorismo: estudo das principais características que definem um empreendedor de sucesso. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Engenharia de Produção). Centro Universitário Estadual da Zona Oeste. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.uezo.rj.gov.br/tccs/capi/Karyne%20Carlos%20Fatturi.pdf>>. Acesso em 02 nov. 2022.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994. Acesso em: 07 dez. 2022.